

7

Considerações finais

Se o intento da redação da *Atlântico* era fazer da revista um meio criador e legitimador de uma identidade lusobrasileira (por vezes, afrolusobrasileira) de modo que ela se constituísse como uma espécie de arquivo cultural do chamado mundo lusíada, resgatado por meio da divulgação de uma arte (visual e escrita) que representasse “uma unidade de sentimento e de cultura”³¹⁶, seu intento, visto por um olhar atualizado que já não reconhece sentido no nacionalismo localista, patrioteiro e conservador, patente em meados do século XX, no Brasil e em Portugal, sua coleção parece ter escapado ao isolamento cultural resultante da chancela do autoritarismo conservador, ultrapassando, assim, suas próprias expectativas.

Tudo isso porque, ao procurar condensar no corpo da revista o tradicional e o moderno – vistos, naquele momento, como formas antagônicas – com vistas a estabelecer valores legitimadores de uma política autoritária, a *Atlântico* acaba por desconstruir as “verdades documentadas”³¹⁷ por ela pretendidas, denunciando, sob o ponto de vista atual, os deslocamentos, as imagens paródicas, o contágio do tradicional pelo prisma da vanguarda e outros traços mais que, seguindo essa mesma linha, desenham contornos não previstos pelo perfil tradicionalista da época.

Assim, ao criar um contraponto entre o enfoque do folclore feito pelo inquieto Mário de Andrade – que a partir de seu interesse pelo passado lusitano, revela as transformações e hibridizações desenvolvidas na arte brasileira, a partir da inserção de elementos populares (portugueses e brasileiros) no estudo do Barroco mineiro – e aquele feito pelo etnógrafo tradicionalista Luís Chaves – ancorado num nacionalismo ufanista de base ruralista – ou quando encontramos, no corpo da revista, a presença de uma gravura oriunda do cânone português – *Ecce Homo*³¹⁸, de autor desconhecido, da segunda metade do século XV, representativa

³¹⁶ FREYRE, G. *O Mundo que o Português criou*, p. 39-64.

³¹⁷ DERRIDA, J. *Op.cit.*

³¹⁸ Autor desconhecido. *Atlântico Revista Luso-Brasileira*, nº1 (1ª série), 1942. Ver Anexo 5, p.144.

de uma religiosidade de base católica tradicionalista – ao lado da expressão religiosa, *O anjo*³¹⁹, desenhada por um artista de vanguarda como o brasileiro Jorge de Lima – que ainda que católico, flertava, em sua obra plástica, com o surrealismo e o cubismo, pudemos perceber a dificuldade, àquela época, em se fazer uma reavaliação das tradições culturais ou um contraponto crítico, num mesmo contexto, das inúmeras formas de se compreender e assimilar o conceito de modernidade atrelado, nos anos 30 e 40, a questões como nacionalismo, regionalismo e internacionalismo.

Portanto, a coleção de registros escriturais (verbais e visuais) que compõem a revista, naquilo que possui de marcas, impressões, inscrições e recortes, mais do que corresponder a sua ideia original de unificar, classificar e organizar seus signos – apesar de todo o esforço dispensado por José Osório de Oliveira em criar uma coletânea lusobrasileira (e incipientemente africana) de imagens e textos que representassem, pelo prisma do conservadorismo estadonovista, recortes culturais advindos do “mundo que o português criou”³²⁰ (que, por sua vez, remete a uma certa superioridade, senão racial, ao menos cultural, em relação aos outros países) – não representa apenas um conglomerado de textos representativos das intervenções politicamente orientadas pelo Estado Novo. Como a definição de arquivo proposta por Derrida³²¹, o acervo da *Atlântico*, em virtude da distância temporal que dele nos separa, porque possui enunciados que subsistem e se transformam sob o olhar atento do leitor, proporciona releituras intermináveis, podendo ser visto como um arquivo atualizado, repleto de elementos que, mais do que produtores de signos representativos de uma ideologia, acumula e reelabora novas leituras, a partir de um olhar desconstrutor.

Assim, mais do que propor uma leitura das culturas portuguesa e brasileira a partir de um cosmopolitismo isolacionista e anacrônico inspirado nos modelos totalitários de meados do século XX, ou mesmo a partir de um panorama dominado pela cultura global, comum nos dias de hoje, motivado pelos desdobramentos do racionalismo iluminista e pelas transformações tecnológicas aceleradas, apoiadas que são no capitalismo pós-industrial, este estudo propõe uma releitura, uma reinvenção dos textos componentes da revista a partir de um localismo trans-

³¹⁹ LIMA, J. *Atlântico Revista Luso-Brasileira*, nº5 (2ª série), 1947. Ver Anexo 6, p.145.

³²⁰ FREYRE, G. “Aspectos da influência da mestiçagem sobre as relações sociais e de cultura entre portugueses e luso-descendentes”. In: _____. Op.cit.

³²¹ DERRIDA, J. Op. Cit.

formado em valor multidimensional, onde as diferenças particulares não se diluem em síntese universal, mas guardam sua diferença, propondo uma reciclagem do passado, atualizando-o no espaço da história e da cultura, sem, no entanto, ter a pretensão de preencher todos os espaços vazios ou fazer falar tudo o que está em silêncio.